

O GRAU DE COMPOSICIONALIDADE DOS ADVÉRBIOS EM *-MENTE*

Emanuela Monteiro Gondim¹

Resumo

Os advérbios em *-mente*, tidos tradicionalmente como advérbios de modo, passaram, do latim ao português, por um processo de gramaticalização, no qual ampliaram significativamente suas funções, tornando-se capazes de exercer, não apenas a função de modo, mas diversas funções semânticas e pragmáticas. Essa expansão funcional está relacionada à perda de composicionalidade desses advérbios em que seus elementos formadores perdem transparência semântica, tornando-se cada vez mais opacos. A progressiva perda de conteúdo semântico da base adjetiva e do afixo leva a forma a ter significado cada vez mais holístico, o que constitui, segundo Lehmann (2002), caso de lexicalização. Analisamos, neste trabalho, o processo de mudança linguística dos advérbios em *-mente*. Pretendemos analisar o desenvolvimento apenas do processo de *lexicalização* de tais advérbios no período que compreende as modalidades clássica e vulgar do latim, o português trecentista e o português dos séculos XIV, XVI e XX. Ao que tudo indica, os advérbios em *-mente*, à medida em que avançam no processo de *lexicalização*, têm se tornado mais próximos das palavras idiomatizadas, apesar de ainda não terem atingido totalmente tal estágio, já que, mesmo nos períodos históricos mais recentes que analisamos, o significado de tais advérbios ainda não se apresenta como completamente opaco por estar extremamente ligado ao significado de sua base adjetiva.

Palavras-chave: advérbios; gramaticalização; lexicalização.

Abstract

Adverbs in *-mente*, traditionally regarded as manner adverbs, passed, from Latin to Portuguese, for a *grammaticalization* process, which significantly expanded its functions, making it capable of exercising not only the mode function, but several functions semantic and pragmatic. This functional expansion is related to the loss compositional of these adverbs wherein their forming elements lose semantic transparency, making it increasingly opaque. The progressive loss of semantic content of the adjectival base and the affix leads the form to present increasingly holistic meaning, which constitute, according to Lehmann (2002), case of *lexicalization*. We analyzed, in this work, the language change process of adverbs in *-mente*. We intend to analyze the development only of lexicalization process of these adverbs in the period that includes the classical and vulgar Latin, the Old Portuguese and the Portuguese of the XIV, XVI and XX centuries. Apparently, the adverbs in *-mente*, as they advance in the *lexicalization* process, have become more closer to the lexicalized words, despite they not yet fully reached such a stage, since, even in the most recent historical periods, the significance of such adverbs still not presented as completely opaque for be extremely attached to the meaning of his adjectival base.

Key words: adverbs; grammaticalization; lexicalization.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Introdução

Os advérbios em *–mente* são oriundos de construções latinas, constituídas com substantivo feminino latino *mens, mentis*, que significa “mente, espírito”. Inicialmente, esse substantivo era utilizado no ablativo e combinado com um adjetivo que se queria usar adverbialmente. Como devia concordar com o substantivo a que se referia, esse adjetivo também era declinado no caso ablativo e no gênero feminino (CAMARA JR., 1979). Como na língua latina as construções com *mente* acrescido de adjetivo exerciam a função de modo, as gramáticas tradicionais da língua portuguesa ainda costumam relacionar o uso dos advérbios em *–mente* a essa função. Entretanto, após adentrarem no inventário lexical da língua portuguesa, devido ao processo de mudança linguística denominado por Lehmann (2002) como *gramaticalização*, os advérbios em *–mente* ampliaram significativamente suas funções, tornando-se capazes de exercer, não apenas a função de modo, mas diversas funções semântico-pragmáticas e a atuar sobre diversos escopos e não apenas sobre verbos, o que analisamos como associados a outro processo de mudança linguística, chamado *lexicalização*, que, conforme Lehmann (2002), ocorre em paralelo com o processo de *gramaticalização*.

Considerando a proposta de Lehmann (2002) relativa especificamente ao processo de *lexicalização*, analisamos, neste trabalho, o processo de mudança linguística dos advérbios em *–mente*. Com base nas pesquisas que realizamos nos níveis de Bacharelado e de Mestrado, pretendemos analisar o desenvolvimento apenas do processo de *lexicalização* de tais advérbios no período que compreende as modalidades clássica e vulgar do latim, o português trecentista e o português dos séculos XIV, XVI e XX, tendo como objetivo avaliar o grau de composicionalidade de tais advérbios nos diversos períodos estudados. Para tanto, investigaremos a gênese das formações em *–mente* a fim de flagrarmos o momento em que tais formações passaram a fazer parte do inventário lexical de nossa língua e avaliaremos se, no português do século XX, o processo de formação dos advérbios em *–mente* está mais próximo das palavras idiomatizadas do que no português dos séculos XIV e XVI, ou seja, se tais advérbios apresentam, em períodos históricos mais recentes, um grau de composicionalidade mais baixo que em períodos históricos mais remotos.

A gênese das formações adverbiais em *-mente*

A gênese de tais construções foi discutida por diversos estudiosos. Maurer Jr. (1959) afirma que o emprego adverbial do adjetivo acrescido do *-mente* tem sua origem no latim vulgar, já que as expressões formadas com o ablativo *mente* são usadas, com alguma frequência, pelos autores cristãos, e as formações em *-mente* são próprias de quase todas as línguas neolatinas, excetuando-se apenas o romeno. Duarte (2009), por seu turno, defende que esse mecanismo pode ter origem no latim clássico, visto que Väänänen (1975) cita exemplos de formações com *mente* nos autores clássicos Vergílio e Cícero, e Coutinho (2005, p. 254) detecta exemplo de tais formações em Ovídio – “*mente ferant placida*” – e em Quintiliano – “*bona mente factum*”.

Cavalcante (1998) pondera que, no latim clássico, já se empregava o *mente* em perífrases adverbiais e, no latim vulgar, este uso se tornou mais recorrente. O autor explica que o latim clássico, como é sabido, era mais sintético, por isso, utilizavam-se preferencialmente certas formas no ablativo e no acusativo ou algumas terminações que, acrescidas a adjetivos, formavam advérbios, como *-ē, -ter* ou *-īter, -ō, -um, -a, -im, -tim, -atime -ītus*. Algumas dessas terminações, inclusive, podem formar advérbios sendo acrescidas não só a adjetivos, mas também a numerais e participios, por exemplo. Entretanto Cavalcante (1998) ressalta que, mesmo não sendo tão frequentes quanto essas formas sintéticas, também havia no latim clássico algumas formas adverbiais analíticas, como as construídas com sintagmas preposicionais — formadas com a preposição latina *cum* acompanhada de nomes no ablativo — e as locuções perifrásticas.

Quanto às locuções perifrásticas, Cavalcante (1998) afirma que tais locuções eram empregadas no ablativo ou no acusativo (se acompanhadas da preposição *in*), e associavam adjetivos ao substantivo *modo*. Assim, *humano modo, lento modo* e *mirum in modum*, significam, respectivamente, *de modo humano* ou *humanamente, de modo lento* ou *lentamente* e *de modo admirável* ou *admiravelmente*. O autor afirma que, naturalmente, houve uma substituição de *modo* por *mente* para indicar a atitude do sujeito falante, devido ao caráter especificamente psicológico do segundo elemento. Cavalcante (1998) cita as frases de notórios representantes da variedade clássica do latim, transcritas em (01-04), em que o substantivo *mens, -tis* é utilizado com valor psicológico junto a um adjetivo.

(01) Deos pura, INTĒGRA, INCORRUPTA et MENTE et uoce uenerari debemus (CÍCERO)

Devemos venerar aos deuses não só com a voz mas também com a mente pura, íntegra e incorrupta (=pura, íntegra e incorruptamente)

(02) MENTE ferent PLÁCIDA (OVÍDIO)

Que o suportem de espírito sereno (=serenamente)

(03) OBSTINATA MENTE perfer (CATULO)

Resiste com a mente obstinada (=obstinadamente)

(04) Sensit enim SIMULATA MENTE locutam esse (VERGÍLIO)²

Percebeu (Vênus) que ela (Juno) falou com intenção simulada (= simuladamente)

Para Lapa (1988), essas construções são literárias e eram pouco usadas nas línguas vulgares, por isso os prosadores do século XIII fizeram pouco uso de tais formações. Todavia, por influência das novelas de cavalaria francesas, que expressavam forte ideal religioso, advérbios em *-mente* como *verdadeiramente*, *baldosamente*, *cruelmente*, *fortemente*, *lealmente* etc. passaram a ser mais frequentemente utilizados. Sendo assim, o autor defende que a profusão desse advérbio nas línguas românicas está relacionada ao seu potencial estilístico.

Em nossas pesquisas, percebemos que, assim como afirmavam Cavalcante (1998) e Duarte (2009), as construções em *mente* têm origem na variedade clássica do latim, uma vez que, como veremos mais adiante, essa variedade do latim apresenta a coexistência de inúmeras formas adverbiais, que foram, em grande parte, substituídas pelas construções em *-mente*, o que pode ser indício do processo de lexicalização, do qual trataremos na próxima seção.

Processos de mudança linguística

Lehmann (2002) analisa a mudança linguística como processos de *lexicalização* e de *gramaticalização*. Ele distingue e relaciona esses processos, afirmando que *agramaticalização* envolve um acesso analítico a uma unidade, ou seja, a análise das partes da unidade e, posteriormente, de seu todo; enquanto a *lexicalização* envolve um acesso holístico de uma unidade, ou seja, a análise da unidade como um todo, na qual não se considera sua análise interna.

² Quanto à locução **simulata mente** usada por Vergílio, há uma nota no respeitado dicionário latino de F. R. dos Santos Saraiva, na qual se traduz essa expressão como *com dissimulação* e não como *com mente dissimulada*, o que nos faz pensar que o autor já percebe em tal locução um processo de mudança.

Assim, a *lexicalização* ocorre quando um determinado signo é retirado do acesso analítico e começa a fazer parte do inventário lexical da língua, e a *gramaticalização* ocorre quando um signo adquire funções na formação analítica de signos mais abrangentes. Ambos os processos não dizem respeito a sinais de forma isolada, mas a sinais nas suas relações paradigmáticas e sintagmáticas. Tomemos como exemplo o verbo português *botar* nas sentenças abaixo:

(05) Ao pegar o dinheiro e BOTAR NO BOLSO, os policiais apareceram e deram voz de prisão. Ele foi atado por crime de concussão, com pena que pode chegar a oito (...)³

(06) Não BOTE BONECO no trabalho, seja paciente, pois...⁴

(07) O homem BOTOUO MAIOR BONECO pra pagar!⁵

A construção em (05) é um exemplo apresentado pelo dicionário Houaiss para o verbo *botar* funcionando como transitivo direto e indireto. Tendemos a tratar a construção em (05) de forma analítica, ou seja, X bota Y em Z. As construções em (06) e (07), por sua vez, são usos próprios do português cearense (Cf. RODRIGUES, 2012). Essa construção ainda não está totalmente fossilizada, pois percebemos que ainda pode haver a intercalação de elementos intensificadores entre os vocábulos *botar* e *boneco* - como ocorre em (07) - e que o verbo *botar* continua sujeito à flexão. Contudo, ao que parece, os falantes dessa variedade do português tendem a tratar a construção *botar boneco* de forma holística, o que, segundo Lehmann (2002, p. 3), significa tratá-la como uma entrada no inventário. O autor afirma, ainda, que, quando o acesso holístico da construção se torna mais proeminente, dá-se o primeiro passo para a *lexicalização*.

Lehmann (2002) assevera que, ao contrário do que defendem muitos linguistas, tais processos não são opostos e sim complementares, uma vez que ocorrem em paralelo e se complementam.

Por fim, cumpre ressaltar que, para o autor, tanto o processo de *gramaticalização* como o de *lexicalização* são redutores, uma vez que restringem a liberdade do falante na

³ Exemplo extraído de Araújo (2010, p. 59).

⁴ Exemplo extraído de Rodrigues (2012, p. 6).

⁵ Exemplo extraído do Dicionário cearense de palavras de Nepomuceno, disponível em <<http://ocearense.blogspot.com.br/2009/03/dicionario-cearense-de-palavras.html>>.

seleção e na combinação dos constituintes de uma expressão complexa. Podemos concluir, assim, que a *gramaticalização* e a *lexicalização* agem, respectivamente, nos eixos saussurianos sintagmático e paradigmático.

Bybee (2003) defende que, à medida que uma sequência de palavras ou de morfemas passa a ser frequentemente utilizada, tende a se automatizar, passando a funcionar como uma única unidade de processamento. A frequente repetição, segundo Bybee (2003), tem papel importante nas seguintes mudanças linguísticas:

1. A frequência de uso leva ao enfraquecimento da força semântica por habituação – processo pelo qual um organismo deixa de responder no mesmo nível a um estímulo repetido.
2. Mudanças fonológicas de redução e fusão de construções gramaticalizantes são condicionadas por sua alta frequência e seu uso nas porções da declaração contendo informação velha ou de fundo.
3. Frequência aumentada condiciona uma maior autonomia para uma construção, o que significa que os componentes individuais da construção (...) enfraquecem ou perdem sua associação com outras ocorrências do mesmo item (como quando o sintagma se reduz a *gonna*).
4. A perda da transparência semântica acompanhando a ruptura entre os componentes da construção gramaticalizante e seus congêneres lexicais permite os usos do sintagma em novos contextos com novas associações pragmáticas, levando a mudança semântica.
5. Autonomia de um sintagma frequente o torna mais firmemente estabelecido na língua e frequentemente condiciona a preservação de características morfossintáticas obsoletas em outras ocasiões.

Como veremos na seção de análise, tais características podem ser percebidas no desenvolvimento do processo de mudança dos advérbios em *-mente* desde o início da língua portuguesa.

Metodologia

Nesta pesquisa, utilizamos diversos *corpora*. Na primeira fase deste estudo analisamos o período que compreende as modalidades clássica e vulgar do latim e o português trecentista. Para tanto, realizamos a análise das ocorrências encontradas nos seguintes *corpora*: os textos do Mosteiro de Santa Maria de Meira (MSMM), diversos textos notoriais disponíveis no Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM) e o *Corpus do Português*(CP). O primeiro nos serviu de fonte para o estudo do *romance* português. Esse *corpus* é dirigido pelo Prof. José Eduarda López Pereira e contém textos documentais medievais, que deveriam ser escritos em latim, mas, na verdade, alguns já

apresentam palavras portuguesas escritas em grafia latinizante. O segundo e o terceiro foram utilizados para o estudo do português arcaico. O CIPM é organizado por uma equipe de linguistas e estudantes de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, sob a direção da Profa. Maria Francisca Xavier e reúne textos latino-romances do século IX ao século XII e textos portugueses do século XII ao século XVI. Já o CP foi criado pelo Prof. Mark Davies e é constituído de 45 milhões de palavras de quase 57 mil textos portugueses e brasileiros do século XIV ao século XX.

Quanto ao período que compreende as modalidades clássica e vulgar do latim, o *software* Musaios nos forneceu todas as ocorrências do substantivo *mente* tanto nas obras de Virgílio e Ovídio, que nos serviram como representantes do latim clássico, como nos textos da Vulgata, que representaram a variedade vulgar. Devido à dificuldade de encontrar, em período tão remoto, textos de mesmo gênero para a constituição dos *corpora*, não foi possível realizar, nesta etapa, uma análise quantitativa das ocorrências desse período. Portanto, foi realizada apenas a análise qualitativa.

Na segunda fase de estudo, dedicamo-nos ao período que compreende o português dos séculos XIV, XVI e XX. Utilizamos, para isso, inicialmente três textos como *corpora*: *Crônica Geral de Espanha* (CGE), do século XIV; *História da Província de Santa Cruz* (HPSC), do século XVI; e *História do Brasil* (HB), do século XX. Trata-se de textos representativos da prosa historiográfica.

A CGE é um texto escrito no ano de 1344, que narra a história da Península Ibérica. A versão que utilizamos é uma cópia digitalizada da edição crítica de Luís Filipe Lindley Cintra, composta por 406.064 palavras, que está disponibilizada no Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM). A HPSC é considerada, segundo Paixão de Sousa (2010), a primeira história do Brasil. Utilizamos a versão digitalizada, que é composta por 29.946 palavras e foi disponibilizada no Corpus Histórico do Português (CHP). Por fim, o HB, de Boris Fausto, trata da história do Brasil desde o período colonial até o século XX. Utilizamos a versão digitalizada disponível em formato *pdf* na internet⁶. Para conseguirmos acessar trechos do texto e contabilizar o total de palavras com mais facilidade, convertimos o arquivo para o formato *doc*, que pode ser acessado pelo programa *Word*. O texto data de 1995 e é constituído de 205.697 palavras.

⁶ Disponível em: http://search.4shared.com/postDownload/9qq3qPmj/boris_fausto_-_histria_do_bras.html.

Como os três *corpora* possuíam extensões distintas, para efeito de uniformidade, selecionamos apenas as primeiras 40000 palavras de cada *corpus*. Para tanto, foi necessário incluir mais um texto, pois como dissemos anteriormente, o texto do século XVI que analisamos, a HPSC, é constituído por apenas 29.946 palavras. Desse modo, para a análise desse período, utilizamos, além das 29.946 palavras da HPSC, também as primeiras 10054 palavras do texto *Da Monarquia Lusitana*. Assim como o primeiro, esse texto também consiste em prosa histórica e também tem uma versão digitalizada disponibilizada no CHP.

Desse modo, ao fim da coleta de dados, obtivemos um total de 441 ocorrências de advérbios em *–mente*. Todas as ocorrências, exceto uma do século XVI que foi descartada por apresentar advérbio em *–mente* dentro de uma locução prepositiva, foram categorizadas, quanto ao grau de composicionalidade, no programa Excel, e analisadas não apenas qualitativamente, mas também quantitativamente.

Análise

Como mencionamos anteriormente, é possível perceber, na variedade clássica do latim, a coexistência de inúmeras formas adverbiais, que, em grande parte, foram substituídas pelas construções em *–mente*, o que nos leva a crer, baseados em Lehmann (2002), que a construção no ablativo *adjetivo + mente* passou pelo processo de *lexicalização*. No latim clássico, essas construções ainda não estavam fossilizadas, como podemos perceber no exemplo (12), e, ao que parece, os dois vocábulos — adjetivo e substantivo *mens, -tis* — forneciam conteúdo semântico à construção. Todavia, nessa época, a construção já parece ter dado os primeiros passos a caminho da *lexicalização*, pois, nos exemplos abaixo, conseguimos acessá-la tanto analítica, como holisticamente. Contudo, percebemos que, entre a abordagem analítica e a holística, há uma ligeira alteração no significado da expressão, como podemos ver nos exemplos abaixo.

(08) LAETA MENTE receptum (OVÍDIO)

recebido com mente alegre/alegremente

(09) et patriae RIGIDA MENTE negavit opem (OVÍDIO)

e com mente fria/friamente negou auxílio à pátria

(10) Et curam TOTA MENTE decorisagat (OVÍDIO)

e leve com toda mente o cuidado com o decoro

(11) non tulit hanc speciem FURIATA MENTE Coroebus (VERGÍLIO)

Corebo, com mente furiosa, não suportou esta imagem

(12) habes TOTA quod MENTE petisti (VERGÍLIO)

tens tudo o que pediste com toda a mente

Quanto ao latim vulgar, encontramos poucas ocorrências da construção *adjetivo + mente*. Nesse período, essas construções também não haviam se fossilizado, como podemos ver no exemplo (14). Entretanto, cumpre lembrar que foi nessa variedade latina que o uso dessas perífrases se generalizou, uma vez que, como é sabido, no latim vulgar, as formas analíticas eram mais utilizadas que as sintéticas. Assim, segundo Cavalcante (1998), nessa variedade, as construções adverbiais perifrásticas formadas com a palavra *mente* acompanhada de adjetivo substituíam as formas sintéticas, como se vê em (13) e (14). Nos exemplos, a expressão advérbial é constituída analiticamente pela construção *mente + adjetivo*, e não apenas por adjetivo acrescido de terminações adverbiais.

(13) omnes viriet mulieres MENTE DEVOTA obtulerunt donaria (VULGATA)

todos os homens e as mulheres ofereceram devotamente as oferendas dos templos

(14) IVXTA quod MENTE devoverat (VULGATA)

o que tinha consagrado justamente

Podemos entender esse fato como um indício de que, no latim vulgar, essas construções já faziam parte do inventário da língua latina, pois, se estivessem fora do inventário da língua, essas construções não poderiam substituir expressões próprias do léxico latino.

Quanto às ocorrências do *romance* e do português arcaico que analisamos em Gondim (2011), concluímos que, nesse período, os advérbios em *–mente* não apenas já faziam parte do inventário lexical da língua portuguesa, como também já exibiam considerável grau de idiomatização, uma vez que se mostravam mais cristalizados, o que indica um avançado processo de *lexicalização*.

No que se refere ao período que compreende o português dos séculos XIV, XVI e XX, avaliamos as 440 ocorrências considerando o grau de composicionalidade dos seus constituintes mórficos. Dessa forma, levamos em consideração a contribuição semântica tanto da base adjetiva como do *–mente* para o sentido da formação como um todo. Propomos, assim, três graus de composicionalidade: a) alta composicionalidade, quando os

dois elementos forem transparentes (exemplo 15); b) média composicionalidade, quando um elemento for transparente e o outro for opaco (exemplo 16); e c) baixa composicionalidade, quando os dois elementos forem opacos (exemplo 17).

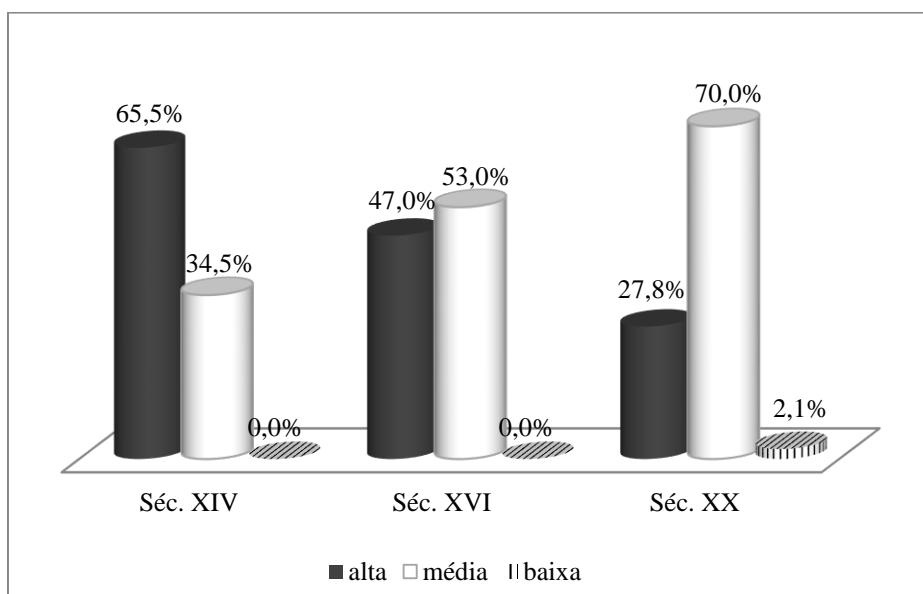
(15) As marcas da revolução de 1824 não se apagariam FACILMENTE. (séc XX – HB)

(16) Por último, desejo agradecer a todas as pessoas que me ajudaram na elaboração do livro. Fernando Antônio Novais e Luís Felipe de Alencastro leram, RESPECTIVAMENTE, os capítulos sobre a Colônia e o Império, fazendo várias sugestões, incorporadas em grande medida no texto final.

(17) Uma região ESMAGADORAMENTE rural, onde as cidades haviam regredido e as trocas econômicas diminuído muito, embora sem desaparecerem completamente. (séc XX – HB)

O gráfico a seguir mostra a frequência desses três graus de composicionalidade nos três séculos considerados nesta pesquisa.

Gráfico 1 – Grau de composicionalidade dos advérbios em *-mente*s. Período



Como podemos perceber, no decorrer dos séculos, a frequência de advérbios de alta composicionalidade vem diminuindo progressivamente. Na medida em que os advérbios em *-mente* passam a apresentar mais frequentemente um grau de composicionalidade médio ou baixo e menos frequentemente o grau de composicionalidade alto, avançam no processo de *lexicalização*. Entretanto, a pequena quantidade de ocorrências de advérbio

com baixo grau de composicionalidade pode indicar que esses advérbios ainda estão longe de concluírem os processos de *lexicalização*.

Embora percebamos que tais advérbios ainda não concluíram o processo de *lexicalização*, entendemos que o fato de termos encontrado no século XX, ainda que em pequena quantidade, advérbios com baixo grau de composicionalidade pode ser indício de que tais advérbios estão mais próximos das palavras idiomatizadas do que estavam nos séculos mais remotos.

Sendo assim, propomos, calcados nas considerações teóricas de Lehmann (2002) e nas análises levadas a cabo em Gondim (2011, 2014), que, desde a variedade clássica do latim até os séculos XIV, XVI e XX, no decorrer do processo de *lexicalização*, os advérbios em *-mente* seguiram a trajetória constante do quadro a seguir.

Quadro 2 – Processo de mudança das construções em *-mente* do latim à língua portuguesa do século XX

Processos	Período	Características
Lexicalização	Latim Clássico	As construções <i>adjetivo + mente</i> parecem dar os primeiros passos a caminho da lexicalização, uma vez que permitem uma interpretação holística, mesmo que a interpretação analítica ainda fosse literal.
	Latim Vulgar	As construções <i>adjetivo + mente</i> passam a fazer parte do inventário lexical da língua, uma vez que se tornam mais gerais e passam a substituir as formas sintéticas.
	Romanço	Os advérbios em <i>-mente</i> concluem o processo de cristalização, o que indicia um avanço no processo de lexicalização.
	Português (séc. XIV)	Os advérbios em <i>-mente</i> , embora ainda apresentem majoritariamente grau de composicionalidade alta (65,5%), já apresentam, em 34,5% das ocorrências, afixos opacos (já não exercem sua função original, de modo) ligados a bases adjetivas transparentes, o que configura grau de composicionalidade média.
	Português (séc. XVI)	Os advérbios em <i>-mente</i> já apresentam a composicionalidade <i>média</i> levemente mais frequente que <i>alta</i> , respectivamente, 53% e 47%.
	Português (séc. XX)	Os advérbios em <i>-mente</i> apresentam a composicionalidade <i>média</i> como muito mais frequente que <i>alta</i> e, além disso, já apresentam, mesmo com baixa frequência, o grau de composicionalidade <i>baixo</i> , em que tanto a base adjetiva como o afixo são opacos.

O quadro deixa claro que os advérbios em *-mente* estão avançando no processo de lexicalização, se tornando progressivamente menos composicionais e, portanto, mais

idiomatizados. Entretanto, mesmo no período mais recente que estudamos, os advérbios em *-mente* ainda não podem ser tidos como palavras primitivas, uma vez que, apesar de o elemento *-mente* se mostrar como opaco na maioria das ocorrências mais recentes, a base adjetiva ainda apresenta valor transparente, de modo que o valor da construção geralmente está estreitamente relacionado ao valor da base. Por outro lado, em comparação com os séculos mais antigos, podemos dizer que o século XX apresenta itens adverbiais mais próximos de palavras idiomatizadas, uma vez que, mesmo em baixíssima recorrência, foram encontrados advérbios de baixa composicionalidade.

Considerações finais

Este estudo se propôs fazer uma análise diacrônica dos advérbios em *-menteno* período que compreende as modalidades clássica e vulgar do latim, o português trecentista e o português dos séculos XIV, XVI e XX, a fim de analisar o desenvolvimento do processo de *lexicalização* de tais advérbios. Para tanto, investigamos especificamente a gênese das tais formações, o momento em que tais formações passaram a fazer parte o inventário lexical de nossa língua e a perda de composicionalidade desses advérbios.

Os resultados apontaram para o fato de que as construções *adjetivo + mente* parecem dar os primeiros passos a caminho da *lexicalização* já no latim clássico e passaram a fazer parte do inventário lexical da língua latina na modalidade vulgar. No romance, os advérbios em *-mente* já exibiam um grau de idiomatização mais avançado e, no período que compreende o português dos séculos XIV, XVI e XX, os advérbios em *-mente* têm se tornado cada vez menos composicionais à medida que avançam no processo de lexicalização.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, J. G. G. *As construções com verbo botar: aspectos relativos à gramaticalização*. Dissertação (Mestrado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In.: JOSEPH, B. and JANDA, R.D. (eds.). *The Handbook of historical linguistics*. Oxford: Black well Publishing Ltd., 2003.

CAMARA JR., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CAVALCANTE, F. T. Perspectiva diacrônica dos advérbios derivados em *-mente* nas línguas neolatinas. In: _____. *Estudos Linguísticos*. Fortaleza: Livraria Gabriel, 1998. p. 101-126.

COUTINHO, I. de L. *Gramática histórica*. 19. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005.

DUARTE, P. M. T. O sufixo *-mente* em português. *Revista Philologus*. Rio de Janeiro, ano 15, n. 45, p. 123-136, set./dez. 2009.

GONDIM, E. M. *O sufixo -mente do latim ao português*. 2011. 68p. Monografia apresentada como pré-requisito para conclusão do curso de Letras Português/Bacharelado, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2011.

GONDIM, E. M. *Os processos de gramaticalização e de lexicalização dos advérbios em -mente no português dos séculos XIV, XVI e XX*. Dissertação (Mestrado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

LAPA, M. R.. *Estilística da língua portuguesa*. 2 ed. São Paulo: Martin Fontes, 1988.

LEHMANN, C. New reflections on grammaticalization and lexicalization. In: WISHER, Ilse & DIEWALD, Gabriele. *New reflections on grammaticalization. Typological studies in language*, 2002.

MAURER JR., T. H. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

NEPOMUCENO, N. C. *Dicionário cearense de palavras*. Disponível em: <<http://ocearense.blogspot.com.br/2009/03/dicionario-cearense-de-palavras.html>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. A. *HISTÓRIA DA PROVÍNCIA DE SANTA CRUZ*, 2010. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/node/450>> Acesso em: 25 jul. 2013.

RODRIGUES, L. da S. Aspectos léxicos, morfológicos e morfossintáticos do falar cearense. *Revista Sociodialeto*. Campo Grande, v. 2, n. 1, jul. 2012. Disponível em <<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/12/12092012083944.pdf>>. Acesso em 07 fev. 2013.

VÄÄNÄNEN, V. *Introducción al latín vulgar*. Madrid: Gredos, 1975.